



EUROPA, SEMPRE ÀS QUARTAS

Detlev Klausen*

A Europa nasceu numa quarta-feira. A Europa emergiu à luz dos holofotes dos jogos noturnos dos anos 50 e 60. Era uma Europa maior do que permitia a Guerra Fria. A equipe de futebol húngara *Honvéd*, com sua grande estrela Ferenc Puskás, jogou durante o levante da Hungria de 1956 em Bilbao, por ocasião da Copa Europeia dos Campeões. Depois das humilhações impostas a eles pelos cartolas húngaros após a derrota para a Alemanha na final da Copa do Mundo em Berna e das ações punitivas populistas do Partido Comunista que comandava a Hungria, o USAP, a maioria dos jogadores preferiu permanecer na Europa Ocidental. Apesar do comportamento mesquinho da UEFA, a liga futebolística europeia que suspendeu os fugitivos durante dois anos, os jogadores conseguiram ingressar nos melhores times do lado ocidental, passando a jogar contra equipes do bloco oriental. Esses jogadores talentosos tornaram-se amados tanto no lado ocidental como no oriental. A Europa se tornou, para além das querelas político-estatais uma *imagined community* (Benedict Anderson).

Essa coesão imaginária fortaleceu-se por meio da introdução generalizada da televisão a partir de 1958 — “*Eurovision*” era a palavra mágica, seguida por um imponente hino. Na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, a *Eurovision* estava presente em todos os jogos. A Alemanha estava pronta para o mundo; mas não para a Europa. Depois da derrota para a Suécia na semifinal em Göteborg, turistas suecos na Alemanha tiveram seus pneus furados durante a noite. Acusava-se os suecos de terem apoiado sua seleção por megafones com gritos de “*Heja, heja, Sverige*” — enquanto os alemães engoliam pacientemente através de Michel a expulsão de Juskowiak, que agredira violentamente o “mercenário” Hamrin. A Alemanha, novamente vítima da insídia românica! Como era possível? O louro sueco Kurt Hamrin jogava com sucesso, como alguns outros suecos, no futebol italiano por dinheiro; era carinhosamente chamado pelos *tifosi* [1] “*uccelino*” (passarinho). A Alemanha naquela época apegava-se ainda ao status de amador, ou melhor, a um amadorismo aparente.

Somente após a decepção de 58 na Suécia, os jogadores alemães começaram também a emigrar para a Itália [2]: com Albert Brülls e Helmut Haller iniciou-se uma nova Viagem à Itália. Os louros alemães tornaram-se imediatamente populares entre os italianos; a

Capa. Os jogadores Alfredo di Stefano (frente) e Sándor Kocsis (trás)

1. Palavra italiana para torcedores. (NT)

2. Referência ao livro de Goethe. (NT)

velha expressão “*panzer tedeschi*” [3] perdeu a força. “Justamente o Schnellinger! [4]” que em 1970 na semifinal contra a Itália no estádio asteca do México fez o gol de empate durante os minutos de prorrogação do segundo tempo, civilizou as relações entre os dois eternos rivais. O louro Karl-Heinz Schnellinger jogou pelo Milan com Kurt Hamrin em um time do qual ainda fazia parte Giovanni Trapattoni, que foi igualmente de importância decisiva para a boa convivência ítalo-germânica. Cada vez mais alemães iam para a Itália, não apenas como turistas. Jogadores louros como Klinsmann e Brehme tornaram-se *Interistas*. Vindo de um subúrbio de Frankfurt, Andy Möller, que em Turim aprendeu a falar fluentemente o italiano (sua segunda língua estrangeira depois do *Hochdeutsch* [5]), foi direto ao ponto: “Milão ou Madri, dá na mesma – desde que seja Itália!”

Uma noção solidária de Europa que não se detém nas fronteiras nacionais.

A Liga dos Campeões, uma invenção dos anos 50 de pessoas com muita experiência de migração que lamentavam o fim da antiga Copa da Europa Central (Mitropa), nascida do futebol do Danúbio, tornou a Europa uma realidade. Os fundadores queriam apenas ganhar dinheiro. Não é preciso jogar só nos fins de semana, pode-se jogar também às quarta-feiras. Sempre às quartas. A Liga dos Campeões leva adiante essa tradição. Talvez o meu time não tenha se classificado; mas outros times de minha preferência continuam jogando. Assim, começo o campeonato nacional com o Werder Bremen (que, no momento, não chega aos jogos internacionais), depois passo a torcer para o Arsenal (já que os ex-werderianos Özil e Mertesacker estão jogando lá agora). Se não der certo, apelo para o Barcelona por causa do futebol ofensivo e dos meus queridos latino-americanos Messi e Neymar. Se tudo der errado, sobra ainda o ex-treinador do Barcelona Pep Guardiola, do qual eu, notório adversário do Bayern, ainda posso dizer – se jogarem tão bem quanto o Barça jogava, vá lá. O que é bom na Europa pode até mesmo contribuir para aplacar uma feroz inimizade na Alemanha.

Com a Liga dos Campeões a festa futebolística europeia saída da Copa Europeia das Nações amplia-se e eterniza-se. Hoje todo o miolo da semana, de terça a quinta, pertence à Europa. Começou com a Copa da Europa, que mesmo os de fora podiam ganhar. Foi o que provou Béla Guttmann com o Benfica de Lisboa, que bateu as então dominantes equipes espanholas FC Barcelona e Real Madrid. Espanholas? No Real detinham o cetro nos anos 50 e 60 Alfredo di Stefano e Ferenc Puskás. Alfredo di Stefano, batizado pelos fãs carinhosamente El Alemán, tinha abandonado a Argentina após uma greve dos jogadores contra os baixos salários. Segundo a vontade do patriarca Santiago Bernabé, dividia o meio de campo ofensivo com o húngaro Ferenc Puskás, que após a fuga da Hungria encontrara um novo lar em Madri. Na ala esquerda driblava o francês descendente de mineiros poloneses Raymond Kopa. Pela esquerda corria Paco Gento, *la galerna del Cantábrico*, o furação da Cantábria. O Real também não tinha só madrilenhos.

3. Tanques de guerra alemães”. (NT)

4. Ausgerechnet Schnellinger! (Justamente o Schnellinger) tornou-se uma expressão *cult*, criada pelo locutor que narrava o jogo contra a Itália na Copa de 70 e refere-se ao fato de que ele jogara na Itália durante anos. (NT)

5. O alemão culto, nem sempre a primeira língua do cidadão da Alemanha. (NT)

Nem o arqui-rival catalão Barcelona fazia questão de se opor ao Real pela pureza étnica. Do “Time de Ouro” húngaro trouxeram Zoltán Czibor e o artilheiro da Copa do Mundo de 54, Sándor Kocsis. O último tornou-se na capital catalã o *Cabeza d’Oro*, por causa de suas bolas de cabeça. Ambos eram dirigidos pelo também disputado por Madri László Kubala, às vezes chamado Ladislao, Ladislav e Ladislaw. Ele foi em uma única pessoa a encarnação precursora da Europa de hoje. Filho de uma família de pedreiros eslovaco-polonesa, nascido na Hungria, conseguiu autorização para jogar pela Tchecoslováquia e pela Hungria; mas de fato só se aclimatou de vez como jogador e treinador na Espanha. Ele próprio se intitulava cidadão do mundo. Isolados no topo tornaram-se os – como diriam hoje os sociólogos – times transnacionais do Benfica. A estrela do time era um certo Eusébio, que cresceu em Moçambique jogando no time de rua Os Brasileiros. O campeonato europeu trouxe o mundo para a Europa e, com a televisão, ele entrou na sala de cada casa. A Europa hoje não consiste apenas na Liga dos Campeões. A antiga *Messestädtepokal*, a Copa da UEFA, transformou-se na Euro-Liga, meta possível também para os times de província. É o turismo do futebol que primeiro viabiliza essa Europa. Com incrível entusiasmo, as equipes são acompanhadas pelos torcedores nos jogos fora de casa. A Europa se tornou um centro de gravitação do futebol mundial – todos querem, em pleno meio da semana, participar dele, mesmo que seja apenas pela TV.

* Detlev Klausen é sociólogo, especialista em Teoria Crítica (foi aluno de Theodor Adorno) e dedica-se, entre outros temas, ao estudo da sociologia do futebol. Presença constante na imprensa alemã como publicista e polemista, é autor, no Brasil, de *Béla Guttmann. Uma lenda do futebol do século XX* (Estação Liberdade, 2014).